

Do projecto *PE-PB* ao 1^o *CILP*: descrição do Português e Teoria da Gramática*

Gabriela Matos
U. de Lisboa/Onset-CEL



1 Do *PE-PB* aos *CILP*

Entre 2000 e 2002, teve lugar o *PE-PB* (*Português Europeu e Português Brasileiro – Unidade e Diversidade na Passagem do Milénio*), um projecto de investigação coordenado pelos Professores Mary Kato, da Universidade de Campinas, e João Andrade Peres, da Universidade de Lisboa. A pesquisa centrou-se nas áreas da Sintaxe e da Semântica e os trabalhos elaborados foram divulgados em três colóquios anuais – realizados, respectivamente, em Coimbra, Fortaleza e Lisboa – e publicados em actas,¹ e em revista da especialidade,² estando outras publicações ainda em preparação.

Os estudos, que lançaram luz sobre aspectos importantes do Português Europeu e Brasileiro, assumiram preponderantemente uma perspectiva comparativa, sendo privilegiado o confronto entre as normas cultas escritas das duas variedades.

Para desenvolver a pesquisa, criaram-se, na generalidade dos casos, parcerias entre investigadores falantes do Português Euro-

* O presente trabalho foi apresentado como uma contribuição à mesa redonda intitulada “PE-PB: Unidade e Diversidade na Passagem do Milénio”. Agradeço os comentários que me foram feitos pelos intervenientes e a assistência desta mesa. Os meus agradecimentos vão especialmente para Cristina Figueiredo Silva. Agradeço também à fundação Calouste Gulbenkian, que me atribuiu uma bolsa de deslocação para participar no CELSUL e no 1^o CILP, em *Florianópolis*, Novembro de 2004.

¹ *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, APL, Lisboa, 2001 e *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 26, número especial: II Congresso Internacional da Abralín, Fortaleza, Março de 2001- Anais – vol. I, Fortaleza, 2001.

² *Journal of Portuguese Linguistics*, vol. 3: n^o 1, Lisboa: Edições Colibri-AEJPL.

peu e do Português Brasileiro, que se debruçaram sobre um elenco de tópicos elaborados pelos coordenadores do projecto. A metodologia de trabalho consistiu na análise de um *corpus* de textos escritos e no apelo ao conhecimento implícito dos falantes nativos, entre os quais os próprios investigadores.

A ideia dos *Colóquios Internacionais sobre a Língua Portuguesa (CILPs)* ocorreu no último colóquio do *PE-PB*, em Lisboa. Os *CILPs*, a realizar-se bienalmente, alternadamente no Brasil e em Portugal, deveriam apresentar o mesmo espírito de investigação comparada.

A nova equipa organizadora, integrando professores de universidades portuguesas e brasileiras,³ considerou que não só devia alargar os Colóquios a outras áreas para além da *Sintaxe* e da *Semântica* — estendendo-os à *Fonologia*, à *Morfologia*, e ao *Léxico* — mas também que devia incentivar a pesquisa em domínios como a *Aquisição* e o *Processamento da Linguagem*. Foi igualmente avançado que os estudos poderiam incidir os sobre outras variedades do Português, além da europeia e da brasileira.

A equipa organizadora decidiu-se ainda pela abertura dos *CILP* à comunidade científica internacional: diferentemente do que aconteceu nos Colóquios do *PE-PB*, em que apenas participaram os investigadores envolvidos no projecto, qualquer linguista pode concorrer aos *Colóquios Internacionais sobre a Língua Portuguesa*. Deste modo, o 1º *CILP* foi amplamente divulgado tanto nos países de acolhimento dos eventos, Portugal e Brasil, como junto da comunidade científica internacional, através da *Linguist List*.

Uma vez que os *CILP* podem ser considerados como herdeiros do *PE-PB*, impõe-se uma análise mais circunstanciada deste projecto.

2 Contributo do *PE-PB* no âmbito da Teoria de Princípios e Parâmetros

O *PE-PB* foi um projecto que não só permitiu alargar o nosso conhecimento do Português das duas variedades nos domínios da *Sintaxe*, da *Semântica* e da interface entre estas duas áreas, como também contribuiu para o debate conceptual no âmbito da Teoria

³ Integraram a equipa organizadora, os seguintes membros: Maria Cristina Figueiredo Silva, da Universidade de Santa Catarina, em Florianópolis (organizadora local); João Costa, da Universidade Nova de Lisboa; Sonia Cyrino, da Universidade Estadual de Londrina; Anabela Gonçalves, da Universidade de Lisboa; Gabriela Matos, da Universidade de Lisboa; Telmo Mória, da Universidade de Lisboa; Fátima Oliveira, da Universidade do Porto; Evani Viotti, da Universidade Estadual de São Paulo.

da Gramática. Restringindo-me à Sintaxe, é este último aspecto que gostaria de ilustrar.

2.1 *Princípios e Parâmetros: Sujeito Nulo e Ordem de Constituintes*

Alguns textos revelaram-se particularmente dinamizadores da pesquisa. Foi o caso do trabalho de Barbosa, Duarte e Kato 2000 (publicado em 2001⁴), que desencadeou o debate sobre o parâmetro do *Sujeito Nulo* e a ordem canónica dos constituintes em Português, dois tópicos classicamente correlacionados na literatura (Taraldsen 1978, Rizzi 1982).

Retomando propostas suas anteriores (cf. Barbosa 1995, 2000 e Kato 2000), Barbosa, Duarte e Kato defendem que a omissão do sujeito em Português, em Chomsky 1981 captada em termos do princípio *Evitar Pronome*, pode ser estruturalmente explicada: o *Sujeito Nulo* decorre da natureza nominal da Concordância nesta língua, que por si só satisfaz o traço-EPP de Tempo/Flexão.

Assim sendo, os sujeitos realizados pré-verbais em Português, nas duas variedades, devem, segundo as autoras, ser interpretados como casos da *Construção de Deslocação à Esquerda*, em que o DP realizado ocupa uma posição de Tópico, uma posição A-barra. O princípio *Evitar Pronome* seria, pois, redutível à preferência pela não introdução de um tópico, como ilustrado em (1), um exemplo das autoras.⁵

- (1) a. Ele comeu a pizza.
b. [IP ELE_i [IP [I comeu] [VP pro a pizza]]]

A correlação entre sujeitos nulos e sujeitos pós-verbais consistiria, então, na não elevação do DP da posição de especificador de VP, permitida pelo facto de a Concordância nominal satisfazer o traço EPP de TP/IP.

De acordo com Duarte 1993, 1995, as autoras admitem que a regressão de sujeitos nulos em PB decorre da perda do paradigma rico em concordância nesta variedade, e propõem, com Kato 2000,

⁴ Barbosa, Duarte e Kato (2001) A distribuição do *Sujeito Nulo* no Português Europeu e no Português Brasileiro. In Nunes Correia e Gonçalves (orgs.), *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL.

⁵ Para Kato (2000), o afixo nominal funciona como uma espécie de clítico, pelo que as estruturas com sujeitos pré-verbais são correlacionadas com a construção de *Deslocação à Esquerda Clítica*. Nos casos em que o constituinte realizado é um pronome plenamente realizado, Kato admite que está perante uma construção de *Deslocação à Esquerda*.

que o PB criou um paradigma de pronomes fracos em substituição da concordância, os quais ocupam a posição de especificador de IP e podem co-ocorrer com os pronomes fortes (cf. (2)).

(2) [_{ΣP} ELE [_{IP} ele [_{VP} t comeu pizza]]]

Na seqüência do texto de Barbosa e Kato (2000/2001), vários trabalhos contribuíram com dados relevantes para precisar tanto o conceito de *Sujeito Nulo* como a *posição dos sujeitos em PE*. Centram-se nestes aspectos Costa e Galves 2001,⁶ Coelho, Costa, Figueiredo Silva e Menuzzi 2001,⁷ Costa, Figueiredo Silva, Oliveira e Coelho, 2002.⁸

Costa e Galves 2001 confirmam, com argumentos empíricos, que os sujeitos pré-verbais em PE e PB não estão adjacentes ao verbo – veja-se o contraste entre a colocação de advérbios em Português e Francês, em (3) e (4).

(3) O João frequentemente beija a Maria.

(4) *Jean souvent embrasse Marie.

Mostram, porém, que no PE os sujeitos pré-verbais não se encontram em *Deslocação à Esquerda*, na posição de Tópico. Dos vários argumentos que apresentam, destaco dois: (i) em PE, diferentemente do que acontece em PB, o redobro do sujeito por um pronome em posição preverbal é contextualmente limitado, estando excluído de frases encaixadas, como ilustrado em (5); (ii) o PE, diferentemente do PB não admite concordância do Verbo com um tópico (cf. (6)):⁹

⁶ Costa e Galves (2001) Sujeitos periféricos em duas variedades do português. Comunicação apresentada ao 2º Workshop do Projecto PE-PB. Fortaleza: Universidade do Ceará. Publicado em Soares, M^a E. (org.) *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 26, número especial: II Congresso Internacional da Abralín, Fortaleza, Março de 2001- Anais – vol. I, Fortaleza.

⁷ Coelho, Costa, Figueiredo Silva e Menuzzi (2001) Ordem VS e *Sujeito Nulo*. Comunicação apresentada ao 2º Workshop do Projecto PE-PB. Fortaleza: Universidade do Ceará. Publicado em Soares, M^a E. (org.) *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 26, número especial: II Congresso Internacional da Abralín, Fortaleza, Março de 2001- Anais – vol. I, Fortaleza.

⁸ Costa, Figueiredo Silva, Oliveira e Coelho (2002) *Considerações sobre a Ordem VS e Sujeito Nulo em Português Europeu e Português Brasileiro*. Comunicação apresentada ao 3º Workshop do Projecto PE-PB. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Ms.

⁹ Esta questão foi retomada com novos argumentos em Costa e Duarte (2002) Preverbal subjects in null subject languages are not necessarily dislocated. *Journal of Portuguese Linguistics*. Vol. 1, nº 2. Lisboa: Colibri-AEJPL.

- (5) Eu acho que o povo brasileiro_i ele_i tem uma doença grave.
(PB: √) (PE:*)
- (6) Aquele carro furou os pneus.
(PB: √) (PE:*)

Costa e Galves 2001 consideram, alternativamente, que os sujeitos pré-verbais em PE se encontram em especificador de AgrSP, como em (7)), e em PB, uma língua orientada para o tópico, em adjunção a AgrSP (cf. (8)).

- (7) PE: [_{AgrSP} Subj [_{TP} pro V [_{VP} t_{subj} tv]]]]
- (8) PB: [_{AgrSP} Subj [_{AgrSP} [_{TP} pro V [_{VP} t_{pro} tv]]]]

A natureza dos sujeitos nulos em PB foi retomada em Coelho et al. 2001. Barbosa e Kato (2000/2001) reduzem o *Parâmetro do Sujeito Nulo* a uma escolha de Agr como elemento [\pm pronominal]. Coelho et al. 2001 mostram que o PB é uma língua com um sistema misto de *Sujeitos Nulos*: enquanto os sujeitos nulos referenciais não são (tendencialmente) legitimados, os sujeitos de *pro* expletivo são admitidos. Os autores sugerem, pois, que o *Parâmetro do Sujeito Nulo* deve ser factorizado, apresentando várias restrições, como proposto em Rizzi 1986 relativamente às condições de legitimação formal e de recuperação do conteúdo de *pro*.

2.2 A redução dos módulos da Gramática: a Teoria do Controle

Dois trabalhos se debruçaram sobre a possibilidade de prescindir da Teoria do Controlo para dar conta da distribuição de constituintes nominais nulos caracterizados como *PRO* em fases anteriores da *Teoria de Princípios e Parâmetros*: Duarte, Martins e Nunes 2002¹⁰ e Brito, Cyrino, Kato e Matos 2002.¹¹

O trabalho de Duarte, Martins e Nunes 2002 foca o caso central do *Controle Obrigatório de PRO* na frase. Na esteira de Hornstein 1999, 2001, os autores reduzem os casos de *Controle Obrigatório de Elevação/Alçamento*. Esta abordagem permite-lhes explicar a flutuação de comportamento de verbos como ‘*custar*’, ‘*faltar*’ e ‘*demorar*’, que, como assinalado em Peres e Mória 1995, tendem a ser usados

¹⁰ Duarte, Martins e Nunes (2002) De controle para Alçamento: Aspectos temáticos e casuais. Comunicação apresentada ao 3º Workshop do Projecto *PE-PB*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Ms.

¹¹ Brito, Cyrino, Kato e Matos 2002, Valores referenciais dos possessivos no Português Europeu e no Português Brasileiro e identidade estrita e imprecisa. Comunicação apresentada ao 3º Workshop do Projecto *PE-PB*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa. Ms.

como *Verbos de Elevação/Alçamento*, embora tenham correlatos com sujeitos expletivos. Os exemplos em (9) mostram, assim, que a forma verbal ‘*custar*’ corresponde a duas construções, ‘*custar*’ e ‘*custar-a*’, e que é esta última que está na base da construção de *Elevação/Alçamento*.

- (9) Custou-me reprovar aquele aluno.
(‘Fiquei penalizada por reprovar aquele aluno’)
- (10) Custou-me a reprovar aquele aluno.
(‘Foi difícil reprovar aquele aluno’)
- (11) Eu custei a reprovar aquele aluno.
(‘Foi difícil reprovar aquele aluno’)

Martins e Nunes explicam esta correlação admitindo que *custar* está associado a *Controle de PRO Não-Obrigatório*, enquanto que *custar a* está associado a *Controlo Obrigatório* e mostram que as duas construções têm propriedades diversas, entre as quais as duas seguintes: *custar a*, diferentemente de *custar* (i) não admite infinitivo flexionado (cf. (12)), (ii) nem pode seleccionar por complemento uma frase que tenha como verbo principal com um sujeito expletivo, como ‘*haver*’ em (13b).

- (12) a. Custou-me fazermos aquilo.
b. *Custou-me a fazermos aquilo.
- (13) a. Custa-nos haver pessoas com fome.
b. *Custa-nos a haver pessoas com fome.

Brito, Cyrino, Kato e Matos. 2002 focam casos de *PRO* no interior do DP. Este trabalho incidiu sobre as diferentes formas do possessivo de 3ª pessoa, ‘*seu*’, ‘*dele*’ e ‘*nulo* (=Ø)’ em PE e PB. Considerando os valores anafórico e pronominal do *Possessivo Nulo* no interior do DP (cf. (14) e (15)), as autoras propõem o abandono da sua caracterização como *PRO*, e a sua análise em termos de duas categorias nominais distintas, respectivamente sujeitas aos *Princípios A e B* da *Teoria da Ligação*.

- (14) O Pedro deixou a Ø (própria) mochila no acampamento.
- (15) O Pedro já chegou ao acampamento. Eu já vi a Ø mochila na recepção.

2.3 *Categorias funcionais: minimização ou expansão da estrutura da frase*

No âmbito do Projecto duas posições relativamente à estrutura funcional da frase estiveram presentes: (i) a de contenção das categorias funcionais, mantendo as classicamente propostas: TP, (AgrSP,) CP; (ii) e a de expansão das categorias funcionais frásicas, na esteira dos trabalhos de Rizzi 1997 e Kayne e Pollock 2001, Ambar e Pollock 2002.

A atitude de contenção das categorias funcionais esteve presente, entre outros, nos trabalhos de Costa e Duarte 2000, publicado em 2001,¹² Kato e Mioto 2001,¹³ 2002,¹⁴ Gonçalves e Duarte 2000, publicado em 2001¹⁵ e Duarte e Gonçalves 2001¹⁶).

Assim, em Gonçalves e Duarte (2000/)/2001 e Duarte e Gonçalves 2001 são analisadas construções subordinadas infinitivas, com crescente grau de defectividade, seleccionadas como complemento por verbos causativos e perceptivos: a *construção de Infinitivo Flexionado*, exemplificada em (16), a *construção de Marcação Excepcional de Caso (ECM)*, ilustrada em (17), e a *construção de Predicado Complexo*, presente em (18).

- (16) a. A mãe deixou [os miúdos comerem chocolate].
b. A mãe viu os miúdos comerem os bolos.
- (17) a. A mãe deixou os miúdos comer chocolate.
b. A mãe viu os miúdos chegar.
- (18) a. Os donos deixaram cair as laranjas no chão.
b. A mãe viu chegar os miúdos.

¹² Costa e Duarte (2001) Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em Português. In Nunes Correia e Gonçalves (orgs.), *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL/Colibri.

¹³ Kato e Mioto (2001) Padrões de interrogativas-Qu no Português Europeu e no Português Brasileiro. 2º Workshop do Projecto PE-PB. Fortaleza: Universidade do Ceará. Publicado em Soares, M^a E. (org.) *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 26, número especial: II Congresso Internacional da Abralín, Fortaleza, Março de 2001-Anais – vol. I, Fortaleza.

¹⁴ Kato e Mioto (2002) Interrogativas encaixadas no PE e no PB. Comunicação apresentada ao 3º Workshop do Projecto PE-PB. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

¹⁵ Gonçalves e Duarte (2001) Construções causativas em Português Europeu e Português Brasileiro. In Nunes Correia e Gonçalves (orgs.), *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL/Colibri.

¹⁶ Duarte e Gonçalves (2001) Construções de subordinação funcionalmente defectivas: o caso das construções perceptivas em PE e PB. Comunicação apresentada ao 2º Workshop do Projecto PE-PB. Fortaleza: Universidade do Ceará. Ms.

Centrando-se nos *verbos causativos em PE*, Gonçalves e Duarte (2000/2001) mostram que a *construção de Infinitivo Flexionado* em (16a) diverge da de *Marcação de Caso Excepcional*, em (17a), por exibir uma projecção de AgrS, para além de T. deste modo, o infinitivo flexionado da frase subordinada seleccionada por ‘deixar’ legítima sujeitos nominativos, como em (19a), enquanto o infinitivo invariável em (19b), não o faz, pois exibe apenas TP, pelo que os argumentos que funcionam como sujeitos da oração subordinada têm de verificar/checar caso acusativo no domínio da frase subordinante.

- (19) a. A mãe não deixou [*eles* comerem chocolate]. PE
 b. A mãe não os deixou [~~os~~ comer chocolate].

Por sua vez, a *construção de Predicado Complexo* difere das de *Infinitivo Flexionado* e de *ECM* pela ausência de T. Esta propriedade determina a impossibilidade de negação frásica e de cliticização no interior do predicado complexo (cf. (20) vs. (21), por oposição ao que acontece nas outras duas construções (cf. (22)-(23)):

- (20) a. O professor não lhes deixou [comer o chocolate]. PE
 b. O professor não o deixou [comer aos miúdos].
 (21) a. *O professor não deixou [comê-lo aos miúdos]. PE
 b. *O professor deixou [não comer o chocolate aos miúdos].
 (22) a. A mãe mandou [*eles* não comerem mais chocolate]. PE
 b. A mãe deixou [eles fazerem-nos um bolo].
 (23) a. A mãe mandou os miúdos [não fazer barulho]. PE
 b. A mãe deixou-os [fazer-lhe um bolo].

Gonçalves e Duarte (2000/2001), analisando dados de *corpus* escrito do PE e do PB constataam que a construção de *Infinitivo Flexionado* é mais produtiva em PB do que no PE, ocorrendo preferencialmente com o causativo ‘fazer’; a construção de *ECM* é usada nas duas variedades e a construção de *Predicado Complexo* é menos usada em PB do que em PE, onde só ocorre com verbos intransitivos (cf. (24)).

- (24) a. O médico mandou entrar o cliente.
 (Pontes 1973, *apud* Gonçalves e Duarte 2001)
 b. O policial fez calar o assaltante.
 (Bechara 1999; *apud* Gonçalves e Duarte 2001)

Tendo em vista o grau de defectividade funcional das três construções causativas infinitivas, as autoras formulam as seguintes hipóteses, que são igualmente válidas para construções infinitivas perceptivas do PE e do PB, analisadas em Duarte e Gonçalves 2001:

- (25) A economia nas representações tem mais custos derivacionais; a economia nas derivações tem mais custos representacionais.
- (26) O PE privilegia a economia das representações; há, pois, mais movimentos. O PB privilegia a economia das derivações; favorece, assim, construções infinitivas com mais núcleos funcionais no domínio encaixado).

A atitude de expansão das categorias funcionais está patente em Ambar e Veloso 2001¹⁷ e Ambar, Gonzaga e Negrão 2002,¹⁸ trabalhos que adoptam o desmembramento da estrutura funcional da periferia esquerda da frase.

Em Ambar, Gonzaga e Negrão 2002, o recurso a uma estrutura expandida das categorias funcionais da periferia esquerda da frase (cf. (27)) permite às autoras dar conta da diferença de valores de ‘sempre’ em PE e em PB.

- (27) [TopP [AssertiveP [WhP [FocusP [AgrSP [DistP [TSP [TObjP [vP]]]]]]]]]]]

Em PE, ‘sempre’ apresenta um valor confirmativo, não temporal, quando o verbo ocorre no presente e *sempre* precede o verbo (cf.(28a)). Quando ‘sempre’ segue o verbo, ou, mesmo que o preceda, quando o verbo está no *passado*, o valor temporal prevalece (cf. (28b,c)). Pelo contrário, no PB o valor temporal de ‘sempre’ mantém-se em todos os casos (cf. (28a, b e c).

- (28) a. O Pedro *sempre* vai a Paris de combóio.
(PE: confirmativo; PB: temporal)

¹⁷ Ambar e Veloso (2001) Padrões de interrogativas-Qu no Português Europeu e no Português Brasileiro. Comunicação apresentada ao 2º Workshop do Projecto PE-PB. Fortaleza: Universidade do Ceará. Publicado em Soares, M^a E. (org.) *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 26, número especial: II Congresso Internacional da Abralin, Fortaleza, Março de 2001- Anais - vol. I, Fortaleza.

¹⁸ Ambar, Gonzaga e Negrão (2002) Sobre o operador ‘sempre’: interações entre tempo, quantificação e estrutura frásica em PE e PB. Comunicação apresentada ao 3º Workshop do Projecto PE-PB. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa. Ms.

- b. O Pedro vai *sempre* ao cinema à segunda-feira.
(PE, PB: temporal)
- c. O Pedro *sempre* bebeu vinho às refeições.
(PE, PB: temporal)

As autoras explicam estes contrastes em termos do local de verificação dos traços do advérbio e do verbo. No que diz respeito ao *Movimento do Verbo*, admitem que, enquanto em PB o verbo pára sempre em T, em PE o verbo só sobe para T quando este núcleo funcional é forte, o que acontece apenas no Passado. No Presente, T é fraco e o verbo sobe directamente para AgrS.

Por seu turno, *'sempre'* pode ter, em PE como em PB, um traço distributivo, que é verificado em DistP, uma projecção acima de TP, mas abaixo de AgrSP. *'Sempre'* assume o seu valor temporal quando pára em DistP, o que acontece quando o verbo nas duas variedades do Português está em T (dando origem aos casos de *'sempre'* pré-verbal, com valor temporal) ou quando o verbo, movido directamente para AgrS c-comanda localmente o advérbio *'sempre'* (daí resultando a colocação pós-verbal de *'sempre'* em EP). A representação em (29) visualiza o que se passa em PB, quando *'sempre'* ocorre em posição pré-verbal.

(29) [_{TopP} João [_{AssertiveP} [_{WhP} [_{FocusP} [_{AgrSP} [_{DistP} *sempre* [_{TSP} compra/-
ou
[_{TObjP} [_{vP} ...]]]]]]]]]]]

Porém, em EP, *sempre* pode exibir uma leitura *confirmativa*. Neste caso, *sempre* detém um traço assertivo, que tem de ser verificado em *AssertiveP*, uma projecção funcional acima de *AgrSP*. Quando sobe para esta posição, *'sempre'* arrasta consigo o verbo, como visualizado em (30).

(30) [_{TopP} O João [_{AssertiveP} *sempre-vai* [_{WhP} [_{FocusP} [_{AgrSP} t [_{DistP} t [_{TSP}
[_{TObjP}
[_{vP}]]]]]]]]]]]]

A diferente interpretação de *sempre* pré-verbal em PE e PB corresponde, pois, a duas posições diferentes deste advérbio nestas variedades do Português.

2.4 Verificação/Checação de traços

Sobre a questão da *Verificação/Checação* de traços, surgiram os trabalhos de Costa, Moura e Pereira (2000/2001)¹⁹ e de Martins e Nunes 2001²⁰.

Martins e Nunes 2001, assumindo propostas de Chomsky 2000 e de Nunes e Raposo 2000, consideram que a *Verificação/Checação* de traços se pode efectuar em dois tipos de configurações:

- (31) *Configurações de Verificação/Checação*
1. Configuração de *especificador-núcleo* — domínio de verificação/checação característico da operação de *Concordar* (*Agree*),
 2. Configuração de *sonda-alvo* (ing. ‘*probe-goal*’), desde que se verifiquem os seguintes requisitos:
 - (i) um dos dois elementos c-comanda assimetricamente o outro;
 - (ii) a minimalidade é satisfeita.

Martins e Nunes procuram explicar porque é que a presença de *infinitivo flexionado*, em contextos de *adjectivos*, *participios passivos* e *reflexivos* é requerida em subordinadas adverbiais onde, aparentemente, se prediria a possibilidade de alternância entre o infinitivo flexionado e o invariável. Considerarei aqui apenas as propostas que os autores avançam para os contextos com *adjectivos* e *participios passivos*.

- (32) a. Nós esperamos duas horas antes
/ (√) de atender
/ (√) atendermos o director.
- b. Nós esperamos duas horas antes
/*de ser atendidos pelo director
/ (√) de sermos atendidos pelo director

¹⁹ Costa, Moura e Pereira (2001) *Concordância com a gente: um problema para a teoria da verificação de traços*. In Nunes Correia e Gonçalves (orgs.), *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL.

²⁰ Martins e Nunes (2001) *Infinitivos obrigatoriamente flexionados em ambientes de “Opcionalidade”*. Comunicação apresentada ao 2º Workshop do Projecto PE-PB. Fortaleza: Universidade do Ceará. Ms.

- c. Nós emagrecemos depois
 / *de ficar doentes por muito tempo.
 / (√) ficarmos doentes por muito tempo.

Martins e Nunes consideram que, para os falantes para que o *infinitivo flexionado* é obrigatório com *adjectivos* e *particípios passivos* (o dialecto 2), o *infinitivo invariável* têm *traços-φ* por defeito e por isso não pode verificar/checar o argumento pronominal de *adjectivo* ou do *particípio passivo*, que é *pro_{incompleto}* (cf. (33)).

(33) [ser_φ-default Adj/Pass _{φincompleto} pro_{φincompleto}]

Porém, dado o requisito de c-comando assimétrico, a verificação dos traços—*φ* do argumento pronominal também não se pode efectuar no interior da projecção do *adjectivo* ou do *particípio passivo* em que inicialmente é gerado (cf. (34)).

(34) [Adj/Pass _{φincompleto} pro_{φcompleto}]

Assim, a presença de infinitivo flexionado, com traços *fi* completos é requerida para que haja verificação dos traços *traços-φ* completos do argumento *pro*, como em (35).

(35) [ser(em)_{φ-completo} Adj/Pass _{φincompleto} pro_{φcompleto}]

2.5 Localidade e legitimação/identificação

O estudo da elipse foi um dos tópicos abordados no Projecto, com o trabalho de Matos e Cyrino 2001²¹. Partindo do confronto do Português com o Inglês, Matos e Cyrino procuram estabelecer o factor legitimador de *Elipse do VP* e explicar as diferenças de comportamento que esta construção manifesta em PE e PB. Matos e Cyrino mostram que em Português, como em Inglês, a *Elipse do VP* é legitimada por verbos auxiliares (cf. (36) e (37)).

- (36) a. John *loves Mary* and Peter does ___ too.
 b. Sandy should *go to Boston*, and Betsy should ___ too.
 (37) Nenhum de nós tinha *votado nesse candidato* nem admitíamos que alguém tivesse ___.

²¹ Matos e Cyrino (2001) *Elipse do VP no Português Europeu e no Português Brasileiro*. In Soares, M^a E. (org.) *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 26, número especial: II Congresso Internacional da Abralín, Fortaleza, Março de 2001 – Anais – vol. I, Fortaleza.

Porém, o Inglês só admite 'be' como verbo principal legitimador da elipse (cf. (38)), enquanto o Português aceita que qualquer verbo principal ocorra nesta construção, pois exhibe *Movimento Generalizado do Verbo para Flexão* ((39)):

- (38) a. Harry seems upset, But Bill doesn't seem to be __.
 b. *Harry seems upset, but Bill doesn't seem.
- (39) a. A: Escute, senhor Magnussen, esse seu Fernando Enriquez ...
 B: ... Henrique.
 A: ... OK, Henrique, não tomou posse em Janeiro?
 B: Tomou __ sim, por quê?
 (Fritz Utzeri, *Det ar Logn. Jornal do Brasil* 6/9/99)
- b. [_{IP} [_I tomou_i] [_{vP} tomou_i ...]].
 em que: [_{vP} tomou_i ...] = tomou posse em Janeiro

Desenvolvendo propostas anteriores (Matos 1992, Cyrino 1997, 1999), as autoras apresentam a seguinte condição de legitimação do VP elíptico:

- (40) A legitimação do vP elíptico é feita sob c-comando local do núcleo funcional que subcategoriza o vP, quando este núcleo é instanciado por um item lexical foneticamente realizado.

Segundo Matos e Cyrino, esta condição decorre do facto de ser o núcleo funcional lexicalizado que identifica o constituinte elíptico, quer por o subcategorizar, quer por ser instanciado pelo núcleo do constituinte elíptico (quando há movimento do Verbo para Flexão). Neste último caso, a identificação do vP elíptico é uma consequência da *Teoria da Estrutura Sintagmática*, pois, de acordo com a hipótese da *Bare Phrase Structure*, uma projecção máxima é uma manifestação do seu núcleo.

Matos e Cyrino 2001 procuram igualmente dar conta da variação entre o PE e o PB quando *Elipse do VP* é legitimada por sequências verbais. Exemplos como (41) mostram que a leitura de *Elipse do VP* se perde tipicamente em PE, mas não em PB:

- (41) A Ana está [*lendo* (PB) /*a ler* (PE)] livros às crianças,
 a) e a Maria também está __.
 __ = [_{vP}(está) [*lendo/a ler* livros às crianças]]
- PB: b) e a Maria também está lendo __.
 __ = [_{vP} (lendo) livros às crianças]]

- PE: c) e a Maria também está a ler __.
 (i) ??_ = [_{vP} (ler) livros às crianças]]
 (ii) ^v_ = [_{vP} (ler)]

As autoras explicam estes contrastes em termos da natureza das categorias seleccionadas pelo verbo auxiliar, em (41) o aspectual ‘*estar*’. Em PE o complemento infinitivo de ‘*estar*’ corresponde a duas construções distintas: (i) um domínio temporal deficitário (em (42), T_{def}), (ii) ou um predicado verbal complexo, encabeçado por Tempo gramatical finito, com traços-V activos (em (43), T_{finito,+activo}).

- (42) a. A Ana já [_{T+activo} está] a [_{T-def} ler-lhes os livros]. PE
 b. A Ana já lhes [_{Tfinito,+activo} está [a ler]] os livros. PE

É o predicado verbal complexo que está preferencialmente presente em *Elipse do VP* em PE, como mostra a marginalidade do exemplo (43), em que *também* se interpõe, desfazendo o complexo²². Pelo contrário, em PB, o legitimador local da *Elipse do VP* é o verbo que ocupa o núcleo funcional que subcategoriza o constituinte elíptico, i.e. ‘*lendo*’ (cf. (44)).

- (43) #A Ana está a ler livros às crianças e a Maria está também a ler __.
 ??_ = [_{vP} (~~ler~~) livros às crianças]]

- (44) A Ana está lendo os livros às crianças e a Maria está também lendo __ PB
 __ = [_{vP} (lendo) os livros às crianças]

Deste modo, as autoras admitem que a projecção funcional que ele ocupa tem traços-V activos (veja-se (45)).

- (45) A Ana está lendo os livros às crianças e a Maria também está [[_{+activo} lendo] [_]] PB

Assim, Matos e Cyrino concluem que a variação entre o PE e o PB não põe em causa a condição de legitimação de *Elipse do VP* e que as divergências entre as duas variedades decorrem do *Léxico*, mais especificamente, da natureza deficitária ou plenamente activa o núcleo funcional que c-comanda localmente o vP elíptico.

²² A proposta de Matos e Cyrino relativamente ao advérbio ‘*também*’ é conforme com a posição de autores como Cinque 1998, que consideram este advérbio como o núcleo de uma projecção funcional própria.

3 A ‘herança científica’ do PE-PB

A breve revisão das questões abordadas dá a dimensão da relevância dos trabalhos apresentados no Projecto para a descrição do Português e a Teoria da Gramática. Com efeito, o PE-PB foi um projecto com peso científico. Vários factores contribuíram para esse facto. Em primeiro lugar, participaram no PE-PB muitos linguistas de nome firmado na sua comunidade científica, vários de renome internacional. Em segundo lugar, a diversidade dos tópicos abordados nos domínios da Sintaxe e da Semântica e as questões que de um ponto de vista empírico e teórico suscitaram, fizeram avançar o conhecimento das duas variedades do Português e o debate conceptual. Finalmente, a perspectiva comparativa constituiu um elemento essencial para a extensão e a profundidade dos tratamentos abordados. A qualidade destes tratamentos foi reconhecida pela comunidade científica internacional, e alguns dos trabalhos foram apresentados subsequentemente em colóquios internacionais prestigiados, de selecção rigorosa.²³

Considerando o novo ciclo de colóquios que se inaugura, os *Colóquios Internacionais sobre a Língua Portuguesa*, uma última palavra se impõe dizer sobre o 1º CILP: as comunicações apresentadas abordam tópicos de relevância teórica e contribuem para uma maior compreensão das variedades do Português em confronto. Os CILP renovam, assim, as expectativas de trabalho científico de qualidade, na perspectiva comparativa iniciada pelo PE-PB.

Referências

Ambar, M., M. Gonzaga e E. Negrão (2002) Sobre o operador *sempre*: interações entre tempo, quantificação e estrutura frásica em PE e PB. Comunicação apresentada ao 3º Workshop do Projecto PE-PB. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Ms.

Ambar, M. e R. Veloso (2001) Padrões de interrogativas-Qu no Português Europeu e no Português Brasileiro. Comunicação apresentada ao 2º Workshop do Projecto PE-PB. Fortaleza: Universidade do Ceará. Publicado em Soares, M^a E.(org.) *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 26, número especial: II Congresso Internacional da ABRALIN, Fortaleza, Março de 2001- Anais – vol. I, Fortaleza.

²³ E.g., na Europa, GLOW, *Going Romance* e *Colóquio sobre Gramática Generativa* peninsular.

- Ambar, M. e J-Y Pollock (2002) Topic vs. comment in some subject inversion sentences in French and Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, vol. 1, nº 1, Lisboa: Edições Colibri-AEJPL.
- Barbosa, P. (1995) *Null Subjects*. Ph.D. dissertation. MIT, Cambridge, Massachusetts.
- Barbosa, P. (2000) Clitics: a Window into Null Subject Property. In Costa, J. (org.) *Portuguese Syntax – New Comparative Studies*. New York: Oxford Press.
- Barbosa, P., E. Duarte & M. Kato (2001) *A distribuição do Sujeito Nulo no Português Europeu e no Português Brasileiro*. In Nunes Correia e Gonçalves (orgs.), *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL/Colibri.
- Brito, A., S. Cyrino, M. Kato e G. Matos. (2002) Valores referenciais dos possessivos no Português Europeu e no Português Brasileiro e identidade estrita e imprecisa. Comunicação apresentada ao 3º Workshop do Projecto PE-PB. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Ms.
- Chomsky, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris Publications
- Chomsky, N. (2000) Minimalist Inquiries: the Framework. In Martin, R, D. Michaels e J. Uriaguereka (eds.) *Step by Step – Essays in honor of Howard Lasnik*. Cambridge, Massachusetts: the MIT Press.
- Coelho, I., J. Costa, M. C. Figueiredo Silva e S. Menuzzi (2001) Ordem VS e Sujeito Nulo. Comunicação apresentada ao 2º Workshop do Projecto PE-PB. Fortaleza: Universidade do Ceará. Publicado em Soares, Mª E. (org.) *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 26, número especial: II Congresso Internacional da Abralín, Fortaleza, Março de 2001- Anais – vol. I, Fortaleza.
- Costa, J. e I. Duarte (2001), Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em Português. In Nunes Correia e Gonçalves (orgs.), *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL.
- Costa, J e C. Galves (2001) Sujeitos periféricos em duas variedades do português. 2º Workshop do Projecto PE-PB. Fortaleza: Universidade do Ceará. Publicado em Soares, Mª E. (org.) *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 26, número especial: II Congresso Internacional da Abralín, Fortaleza, Março de 2001- Anais – vol. I, Fortaleza.
- Costa, J., M.C. Figueiredo Silva, F. Oliveira e Coelho, I. (2002) *Considerações sobre a Ordem VS e Sujeito Nulo em Português Europeu e Português Brasileiro*. Comunicação apresentada ao 3º Workshop do Projecto PE-PB. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Costa, J. D. Moura, S. Pereira (2000) Concordância com ‘a gente’: um problema para a teoria da verificação de traços. In Nunes Correia e Gonçalves (orgs.), (2001) *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL/Colibri.
- Cyrino, S. (1997) *O Objecto Nulo do no Português do Brasil – um estudo sintáctico diacrónico*. Londrina: Editora da UEL.
- Cyrino, S. (1999) A categoria INFL no Português Brasileiro. *Estudos Linguísticos XXVIII*.

- Duarte, I. e A. Gonçalves (2001) Construções de subordinação funcionalmente defectivas: o caso das construções perceptivas em PE e PB. Comunicação apresentada ao 2º Workshop do Projecto *PE-PB*. Fortaleza: Universidade do Ceará. Ms.
- Duarte, E. A. Martins e J. Nunes (2002) De controle para Alçamento: Aspectos temáticos e casuais Comunicação apresentada ao 3º Workshop do Projecto *PE-PB*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa. Ms.
- Gonçalves, A. e I. Duarte (2001) Construções causativas em Português Europeu e Português Brasileiro. In Nunes Correia e Gonçalves (orgs.), *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL/Colibri.
- Hornstein, (1999) Movement and Control. *Linguistic Inquiry* 30:1.
- Hornstein, (2001) *Move! A Minimalist Theory of Construal*. Oxford, Cambridge. Mass: Blackwell
- Kato, M. (2000) The loss of the Avoid Pronoun Principle in Brazilian Portuguese. In Kato, M, e E. Negrão (orgs.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Ibero Americana.
- Kato, M. e C. Miotto (2001) Padrões de interrogativas-Qu no Português Europeu e no Português Brasileiro. 2º Workshop do Projecto *PE-PB*. Fortaleza: Universidade do Ceará. Publicado em Soares, M^a E. (org.) *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 26, número especial: II Congresso Internacional da Abralín, Fortaleza, Março de 2001- Anais – vol. I, Fortaleza.
- Kato, M. e C. Miotto (2002) Interrogativas encaixadas no PE e no PB. Comunicação apresentada ao 3º Workshop do Projecto *PE-PB*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Ms.
- Martins, Ana e Jairo Nunes, (2001) Infinitivos obrigatoriamente flexionados em ambientes de “Opcionalidade”. Comunicação apresentada ao 2º Workshop do Projecto *PE-PB*. Fortaleza. Ms.
- Matos, G. 1992, *Construções de Elipse do Predicado em Português: SV Nulo e Despojamento*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Matos, G. e Cyrino 2001. Elipse do VP no Português Europeu e no Português Brasileiro. Publicado em Soares, M^a E. (org.) *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 26, número especial: II Congresso Internacional da Abralín, Fortaleza, Março de 2001- Anais – vol. I, Fortaleza.
- Rizzi, L. (1982) *Issues on Italian Syntax*. Dordrecht: foris Publications.
- Rizzi, L. (1997) The Fine Structure of the Left Periphery. In Haegeman (ed.) *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer.
- Taraldsen, K. (1978) *On the NIC, vacuous application, and the that-trace filter*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club.